

**LIVROS DIGITAIS DE
LITERATURA INFANTIL E
A MEDIAÇÃO
PEDAGÓGICA DE LEITURA**

Produto Educacional

Mestrado Profissional em Educação - USCS

Silvana de Carvalho Arantes Loufí

Orientação: Profa. Dra. Maria de Fátima Ramos de Andrade

Silvana de Carvalho Arantes Loutfi
Maria de Fátima Ramos de Andrade

**LIVROS DIGITAIS DE LITERATURA INFANTIL E A MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA
DE LEITURA**

Produto Educacional

Universidade Municipal de São Caetano do Sul – USCS
PPGE – Mestrado em educação
São Caetano do Sul
2021

Autorizamos, para fins de estudo e de pesquisa, a reprodução e a divulgação total ou parcial deste trabalho, em meio convencional ou eletrônico, desde que a fonte seja citada.

FICHA CATALOGRÁFICA

LOUTFI, Silvana de Carvalho Arantes; ANDRADE, Maria de Fátima Ramos de.

Plano de Ação Livros digitais de literatura infantil e a mediação pedagógica de leitura / Silvana de Carvalho Arantes Loutfi – orientadora Maria de Fátima Ramos de Andrade. – São Caetano do Sul, 2021. 43 fls.

Produto Educacional (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade Municipal de São Caetano do Sul, 2021.

ISBN 978-65-00-33504-0

1 Formação docente. 2 Mediação pedagógica. 3 Leitura. 4 Livro digital. 5 Literatura infantil. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2021.

CDD. 370.71

“Ler não tem contraindicação, porque é o que nos faz humanos. Todas as formas de ler valem a pena. Todas as formas de ler são diálogos entre o passado e o presente. Todas as formas de ler são modos de compartilhar saberes, experiências e concepções da vida e do mundo.” (COSSON, 2020, p. 179).

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 CONTEXTUALIZAÇÃO	9
3 LEITURA E MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA.....	11
3.1 O que é leitura?	16
3.2 O que é mediação?	25
4 LIVRO DIGITAL: POSSIBILIDADES DE USO.....	26
5 CATÁLOGO DE LIVRO DIGITAL PARA AÇÃO EDUCATIVA COM PROFESSORES	29
5.1 Catálogo.....	29
5.2 Formação de professores	38
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS.....	41

1 INTRODUÇÃO

A organização curricular do curso de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul propõe a elaboração de dois produtos ao término do curso: a Dissertação (Trabalho final) constituído pelo relatório de dados obtidos com a pesquisa e o desenvolvimento de um produto capaz de apresentar uma relação com o material estudado e a sua aplicabilidade na comunidade escolar.

Os resultados dos questionários e entrevistas, bem como o referencial teórico, da pesquisa com o título: *Livros digitais de literatura infantil e a mediação pedagógica de leitura* embasam a elaboração deste produto.

No primeiro momento trazemos definições e importância sobre a leitura e a mediação de leitura no contexto de sala de aula, em seguida, apresentamos os resultados dos questionários e entrevistas realizadas com as professoras e, por fim, expomos um catálogo de livros digitalizados que foram amplamente divulgados entre os grupos de WhatsApp dos professores que têm a permissão de uso de direitos autorais.

O produto educacional, aqui apresentado, abrange o catálogo de alguns livros digitalizados e sugestões de boas práticas de mediação pedagógica de leitura com o uso de livros digital, com objetivo subsidiar as práticas de leitura com o livro digital, que foram bastante utilizadas no período de ensino remoto devido a facilidade de circulação de títulos e a aprovação de recursos tecnológicos na sala de aula. Segue como sugestão também para nova organização e valorização das bibliotecas públicas e escolar, com acervo de livros físico e digital.

A leitura de lazer tem sua importância no planejamento de aulas das professoras seja para estímulo a leitura ou para complementar o conteúdo de aula, assim sobre leitura o trabalho traz as contribuições de Maria Helena Martins, Isabel Solé, Rildo Cosson, Roxane Rojo e Eduardo Moura. Comentar sobre mediação tem-se as ideias de Lev Vygotsky, Teresa Regina Rego, Teresa Colomer e Délia Lerner.

Vale ressaltar que, em se tratando de uso recente de livro digital no planejamento das professoras para a prática de leitura, este produto não tem pretensão de encerrar por aqui seu propósito, tem-se a oportunidade de novas reflexões sobre práticas de leitura e de mediação ao analisar a continuidade de

recursos tecnológicos na sala de aula no retorno às aulas presenciais e promover a implementação desses livros nas bibliotecas públicas.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO

O presente produto foi elaborado a partir de uma pesquisa qualitativa de cunho descritivo-analítico intitulada “Livros digitais de literatura infantil e a mediação pedagógica de leitura” cuja pergunta problematizadora foi: Quais práticas de mediação pedagógica de leitura são realizadas pelos professores dos anos iniciais do Ensino fundamental com o uso de livro digital de literatura infantil no contexto de ensino remoto?

Entre as etapas, para o desenvolvimento da pesquisa, aplicamos um questionário por meio do formulário *Google Forms* divulgado em grupo de WhatsApp, com os objetivos de conhecer como ocorre a circulação dos títulos de livros digitais de literatura infantil, quais os critérios de escolhas de títulos pelos professores e identificar e as práticas de leitura realizadas pelos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental com o uso de livro digital. O questionário foi dividido em duas partes: perfil do professor e atividades do livro digital, contendo perguntas fechadas e abertas.

O resultado dos questionários, resumidamente, demonstrou que a maioria dos professores tem mais de quinze anos de experiência, tem entre 41 e 50 anos, formação em Pedagogia com especialização e atuam nas redes públicas do município de Santo André e São Bernardo do Campo. Sobre a escolha de títulos de livro digital de literatura infantil, a maioria (82,9%) teve preferência por títulos que pudessem contribuir para o conteúdo planejado para a aula. Das vantagens sobre o uso de livro digital, a maioria elencou os três principais motivos: facilidade de circulação de títulos (65,9%), a diversidade de gêneros textuais (56,1%) e a diversidade de títulos, autores e editoras (53,7%). Em relação às desvantagens, a maioria está preocupada com a permissão dos direitos autorais.

A segunda etapa da pesquisa refere-se a entrevista realizada com professoras que na segunda parte do questionário citaram práticas de mediação de leitura na aula em ensino remoto. Dentre esses professores, obtivemos os dados de 7 professoras.

A análise do perfil das sete professoras entrevistadas, mostra que a maioria tem entre 41 e 50 anos, lecionam a mais de 15 anos (65,91%). Em 2020, 35,59% dessas professoras lecionaram para o 1º ano do ensino fundamental.

As professoras que aceitaram participar da entrevista assinaram o termo de livre consentimento e para preservar sigilo do nome, utilizamos nomes fictícios, com inspiração em nomes dos personagens de literatura infantil.

Os dados obtidos da entrevista asseguram que é possível continuar o planejamento com leitura literária com o livro digital mesmo após o retorno presencial das aulas, embora a maioria manifestar preferência pelo livro físico.

A mediação citada pelas professoras ocorre no momento de aula síncrona, com o uso do livro digital ou material salvo em PDF. Entretanto, sem a materialidade do livro, a mediação parece não ter fluidez entre o texto e o leitor, pois a interação das crianças com as professoras é distante.

Vale ressaltar que o interesse pelo desenvolvimento dessa pesquisa foi decorrente ao fato de que no Brasil a modalidade de ensino remoto foi apresentada em 2020, devido a pandemia ocasionada pelo coronavírus Sars-CoV-2, mais conhecida como Covid -19, acarretando a suspensão de aula para a manutenção de distanciamento social. Diante da nova proposta de trabalho, alunos e professores utilizaram os livros digitais que tiveram ampla divulgação nos meios tecnológicos (tablet, computador, celular).

A seguir, faremos uma breve explanação acerca da leitura e mediação pedagógica, segundo o referencial teórico do trabalho.

3 LEITURA E MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA

Chartier (1999), no livro *A aventura do livro: do leitor ao navegador*, discorre sobre os suportes da escrita e da leitura – a tábua, a madeira, a xilografia, as imagens e os textos eletrônicos –, numa perspectiva histórica, mostrando a importância deles em cada época em diferentes contextos. Para o autor, a evolução do suporte da escrita dos livros manuscritos à prensa de Guttenberg teve mudanças discretas pois o material impresso ainda ficou sob as estruturas do códex: folhas dobradas que delineiam o formato do livro, com páginas, sumário, índices. Apesar da larga escala de tiragem com a tipografia, a cópia prevaleceu como regra até o século XIX para os documentos escolásticos e textos proibidos. Para o autor:

Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão (CHARTIER, 1999, p.77).

Chartier (2020, p. 59), ao pensar a história na era da textualidade eletrônica, afirma que no contexto atual teríamos “novas modalidades de construção, publicação e recepção dos discursos históricos”. Essas novas modalidades permitem a articulação de hipertextos, permitindo ao leitor a possibilidade de organizar as argumentações: “[...] para a validação ou a rejeição de um argumento pode se apoiar na consulta de textos (mas também de imagens fixas ou móveis, palavras gravadas ou composições musicais)” (CHARTIER, 2020, p 59-60).

No Brasil, a leitura foi influenciada pelo contexto histórico da Europa. A história do leitor principia na Europa do século XVIII com a produção e consumo de livros. Ao se tornar uma ação capitalista, os leitores ainda representavam pequeno número na sociedade. Isso foi alterado com valorização do ensino da leitura obrigatória nas escolas.

No século XIX, como a maioria das famílias ainda não era alfabetizada, a leitura não era reconhecida como prática social. Nesse mesmo século, após a Revolução Industrial e surgimento da modernidade, a Europa desponta com a produção de livros, porém, o Brasil carecia de tipografias.

Segundo Lajolo e Zilberman (2019), o livro didático surge com a permanência de Dom João no país, período em que as Escolas Superiores foram criadas. Os cursos

de Medicina e Academia Militar necessitavam de livros adequados traduzidos pela Imprensa Régia. A parceria do governo e da gráfica marcam a história da leitura e do livro didático, num período de ascensão no mercado capitalista, atendendo aos aspectos social e educacional. Para essas escolas foram contratados professores que tinham características de escritores para produzirem o material, não dependendo mais da tradução da Imprensa Régia. Assim, estabelece a tríade: imprensa, livros didáticos e leitores. Nesse mesmo período, cresce a população e o interesse à leitura.

O século XIX termina com poucas mudanças e, no contexto político, temos a ascensão da República. Ainda nesse período, permanece a pauta do livro didático. No século XX, prevalece a influência da Igreja, tendo as escolas sob o comando de padres e seminários. Em 1930, cria-se o Ministério da Educação interligado ao Ministério da Saúde, o que propiciou nova organização do ensino e do livro didático, com a valorização da leitura e da literatura. Nessa época, há indícios de que os conteúdos escolares faziam algumas relações com as questões sociais. Nesse contexto, ficção e fatos, apresentados por cenas e personagens em obras como *Quincas Borba* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, apresentam semelhanças e diferenças com a vida real, mas a escola e a aprendizagem já sinalizavam desavenças com a figura do professor autoritário e edificações de corredores extensas, que ecoavam sons e exalavam situações aterrorizantes, sendo a escola considerada fria e cruel. Os livros didáticos associados ao despreparo dos professores configuraram um problema que estava longe de atribuir o interesse à leitura e literatura (LAJOLO; ZILBERMAN, 2019).

No início do século XX, iniciam-se as publicações das revistas em quadrinhos, voltadas para o público infantil. “É no âmbito do não consagrado e da literatura de massa, com aproximações à literatura infantil, que se constitui o acervo básico, ainda que clandestino, de leituras da mocidade brasileira” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2019, p. 310).

No contexto histórico, para Bettolli (2008), na década de 1960 a criança é vista como sujeito histórico e social, em que os temas abordados na leitura demonstram grande apreço às crianças, com uma proposta recreativa, com poesia e canções. Na década de 1980, as inovações de escrita com ilustrações, apresentam “a criança entre objeto de consumo e sujeito de direito” (BETOLLI, 2008, p. 150).

Para Zilberman e Rösing (2009), a partir da década de 1980, assim como houve mudanças no setor político e econômico com novas perspectivas de consumo e nova Constituição (1988), a cultura teve suas inovações com recursos tecnológicos e de instrumento no setor da comunicação (computador pessoal e celular). Os textos são mais divulgados em relação à década anterior.

No caminho ao século XXI, a globalização proporcionou novas formas de incentivo à cultura:

A ruptura das fronteiras entre o centro e a periferia, o erudito e o popular, entre a “alta literatura” e o pop, entre o clássico e o *fashion*, o rural e o urbano, determinou certa euforia que vigora nos meios tanto acadêmicos, quanto artísticos. (ZILBERMAN; RÖSSING, 2009, p. 12)

No contexto histórico da leitura, cabe a apreciação dos estudos de Santaella (2004), acerca das mudanças de suporte de escrita, ao longo da história da civilização, passando do Renascimento, pela Revolução Industrial até o ciberespaço, que caracteriza o tipo de leitor e suas práticas. A autora estipula três tipos de leitores: contemplativo, movente e imersivo, no entanto essa tipologia foi embasada nos “tipos de habilidades sensoriais, perceptivas e cognitivas que estão envolvidos nos processos e no ato de ler, de modo a configurar modelos cognitivos de leitor” (SANTAELLA, 2004, p.19).

O leitor contemplativo nasce no Renascimento e permanece até meados do século XIX. Ele é da era do livro impresso e da imagem expositiva. É o leitor com as seguintes características:

É aquele que tem diante de si objetos e signos duráveis, imóveis, localizáveis, manuseáveis: livros, pinturas, gravuras, mapas, partituras. É o mundo papel e do tecido de tela. O livro na estante, a imagem exposta, à altura das mãos e do olhar. Esse leitor não sofre, não é acossado pelas urgências do tempo. Um Leitor que contempla e medita. (SANTAELLA, 2004, p 24).

O segundo leitor, o movente, surge na época da Revolução Industrial e da formação dos grandes centros urbanos:

É o leitor apressado de linguagens efêmeras, híbridas, misturadas. Mistura que está no cerne do jornal, primeiro grande rival do livro. A impressão mecânica aliada ao telégrafo e à fotografia gerou essa linguagem híbrida, a do jornal, testemunha do cotidiano, fadada a durar o tempo exato daquilo que notícia. (SANTAELLA, 2004, p. 29).

E o leitor imersivo, o virtual, aparece no início do século XXI, na era digital, sendo:

Um leitor em estado de prontidão, conectando-se entre nós e nexos, num roteiro multilinear, multissequencial e labiríntico que ele próprio ajudou a

construir ao interagir com os nós entre palavras, imagens, documentação, músicas, vídeos etc. (SANTAELLA, 2004, p.33).

É sob o perfil do leitor imersivo que a autora descreve sobre as linguagens do ciberespaço que são hipermidiáticas. Para esclarecer, o ciberespaço a autora considera:

Todo e qualquer espaço informacional multidimensional que, dependente da interação do usuário permite a este o acesso, a manipulação, a transformação e o intercâmbio de seus fluxos codificados de informação. Assim sendo, o ciberespaço é o espaço que se abre quando o usuário conecta-se com a rede. Por isso mesmo, esse espaço também inclui os usuários dos aparelhos sem fio, na medida em que esses aparelhos permitem a conexão e troca de informações. [...] Ciberespaço é um espaço feito de circuitos informacionais navegáveis. Um mundo virtual da comunicação informática, um universo etéreo que se expande indevidamente mais além da tela, por menor que esteja, podendo caber até mesmo na palma da mão (SANTAELLA, 2004, p.46-47).

Após esclarecer sobre o ciberespaço, a autora discorre sobre os traços que caracterizam a linguagem nesse espaço. Temos o primeiro traço na “hibridização de linguagens”, pois mescla textos, vídeos, imagens e sons. O segundo traço da hipermídia está na capacidade de armazenar informações e na interação com o receptor, daí a referência dos hipertextos, para colocar o receptor como autor. O terceiro traço condiz aos nexos e conexões na navegação e o quarto traço refere-se à hipermídia como linguagem interativa.

A autora analisa as mudanças perceptivas e cognitivas da leitura no ciberespaço. Assim, denomina três tipos de usuários: novatos, leigos e experts.

Ao novato, o acesso à rede é novidade, pois não tem conhecimentos de acesso a ela. O leigo sabe entrar na rede e conhece algumas etapas por memorização para entrar nela e o experto tem conhecimento e informações sobre rede. A autora comenta que há dois processos fundamentais para a navegação que são: a compreensão do estado das coisas e a busca para se chegar ao alvo (SANTAELLA, 2004, p.66).

O processo de compreensão parece depender muito das mídias que se apresenta, à percepção e à cognição. No caso da hipermídia, sua natureza é híbrida, envolvendo uma mistura de signos, sinais, imagens, texturas gráficas, figuras, diagramas, sons, ruídos e suas respectivas hiper sintaxes que implicam uma alfabetização semiótica do usuário. A passagem em nível do novato ao leigo significa avanços nessa alfabetização (SANTAELLA, 2004, p. 67).

Para Santaella (2004, p. 68), o processo de busca envolve estratégias de retorno e avanço. A estratégia de retorno “é a capacidade retornar ao estado anterior e escolher outro operador” Para a autora, o operador é a ferramenta. A estratégia de

avanço condiz com a escolha de uma ferramenta, aplicar sobre o estado em questão e avaliar o resultado.

Nos usuários expertos, predomina o processo de elaboração, que a autora explica sendo “a internalização de que o usuário dispõe do esquema geral que está subjacente ao processo de navegação e sua habilidade para ligar os procedimentos particulares ao esquema geral” (SANTAELLA, 2004, p.68). Esses usuários têm compreensão imediata dos estímulos, escolhem e fazem aplicação dos operadores para as mudanças do estado das coisas. Tais conhecimentos, a autora denomina de “esquema mental da navegação”.

Os usuários leigos repetem operações várias vezes até alcançar o alvo, enquanto os novatos demonstram dificuldade de compreensão dos signos e a falta de destreza para manuseio do mouse, o que compromete a sincronia visual e motora. Diante das dificuldades, há alguns programas de navegação que propõem o uso de critérios simples de busca, chamado de restrição de domínio ou programa de busca.

Na navegação, os insights são definidos pela autora como sendo:

[...] a capacidade de mudar de estado, descoberta de uma rota eficaz no caminho para um resultado final. As mudanças se dão tanto no estado interior dos usuários quanto no estado físico da tela (SANTAELLA, 2004, p. 70).

Para melhor compreensão das condições apresentadas aos usuários na navegação, a autora completa:

Pode-se dizer que o usuário experto tem uma visão geral dos meios e fins; por isso mesmo, é capaz de realizar todas ou quase todas as operações de navegação sem encontrar nenhum estado insatisfatório. O usuário novato navega aleatoriamente, sem compreender quais operadores são aplicáveis a cada estado. O leigo já é capaz de usar regras situacionais para diminuir a aleatoriedade das escolhas. É por meio dessas regras situacionais que o leigo resolve os impasses que lhe são característicos (SANTAELLA, 2004, p.71).

Na navegação dessas operações, a autora cita dois tipos de memória: memória operativa (usada pelos leigos) e memória a longo prazo. A primeira para armazenar as informações temporariamente para cumprir uma tarefa. No entanto, quanto mais essa memória for utilizada com resultado satisfatório, ela será retida no outro tipo de memória que Santaella define como sendo de longa duração. Para a autora:

Memória de longa duração, no caso da navegação, não quer dizer a retenção de uma soma de dados automatizados, mas internalização do esquema geral de um processo e a capacidade de inferir a partir desse esquema geral, os procedimentos que devem ser atualizados no momento. A memorização dos esquemas gerais é realizada em mecanismos de aprendizagem desenvolvidas pela prática (SANTAELLA, 2004, p. 71).

A velocidade de execução advém da prática de execução de gestos, porém, na navegação, a sincronia entre a percepção e habilidades motoras é complexa. Santaella (2004, p. 72) atribui novas operações mentais como a “compreensão, identificação, seleção, decisão e avaliação”.

Após a análise de algumas transformações que ocorreram no campo da leitura, considerando o contexto histórico e social, discorreremos sobre o conceito de leitura.

3.1 O que é leitura?

O conceito de leitura não é único. Ao conceituar leitura, nos deparamos com diferentes visões/autores. Segundo Martins (2012), podemos conceber a leitura como um processo de decodificação do texto ou como algo mais abrangente e complexo, que envolve aspectos sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, culturais, econômicos e políticos.

Na segunda concepção, ao ler o texto, além de transformarmos os sinais gráficos em sonoros, também usamos os conhecimentos adquiridos ao longo de nossas vivências e experiências de vida. É com a leitura que a construção de significados pode ser relevante na compreensão do texto, mas, ainda assim, existem diferentes interpretações de acordo com o momento de vida do leitor. “Aprendemos a ler a partir do nosso contexto pessoal. E temos que valorizá-lo para poder ir além dele” (MARTINS, 2012, p. 15).

Assim, as pessoas que fazem parte do convívio do leitor “passam a ter influência apreciável em seu desempenho na leitura. Isso porque o dar sentido a um texto implica sempre levar em conta a situação desse texto e de seu leitor” (MARTINS, 2012, p. 33). Segundo a autora, a leitura passa por três etapas: a sensorial, a emocional e a racional. Lembrando que todas elas podem iniciar mesmo antes do ingresso na escola.

A leitura sensorial não está relacionada ao símbolo gráfico, pois é realizada apenas por acesso dos órgãos dos sentidos, sendo particular a cada indivíduo. Um aroma pode ter um significado positivo para mim, enquanto para uma outra pessoa o mesmo aroma pode ter significado negativo. Nesse sentido, a obra de arte, a música, o toque, as palavras, os aromas têm significados distintos para cada ser humano e com conotação diferente para as demais ocorrências após a primeira experiência.

Segundo Martins (2012, p. 40), a leitura sensorial “não se trata de uma leitura elaborada; é antes uma resposta imediata às exigências e ofertas que esse mundo apresenta; relaciona-se com as primeiras escolhas e motiva as primeiras revelações. Talvez, por isso mesmo, marcantes”. A autora elucida essa ideia ao mencionar o contato das crianças com o livro, que é um objeto atrativo a elas pelos órgãos do sentido, seja pelas imagens, cores, sons ou texturas. Proporciona a primeira leitura e satisfação estimulada pela curiosidade que avança para novas descobertas, em especial da linguagem e comunicação com o mundo.

Esses primeiros contatos propiciam à criança a descoberta do livro como objeto especial, diferente dos outros brinquedos, mas também fonte de prazer. Motivam-na para a concretização maior do ato de ler o texto escrito, a partir do processo de alfabetização, gerando a promessa de autonomia para saciar a curiosidade pelo desconhecido e para renovar emoções vividas (MARTINS, 2012, p. 43).

A criança poderá vivenciar experiências significativas com estímulo dos órgãos dos sentidos e com outros objetos além do livro. Dessa maneira, há a evolução dos tipos de leitura.

Quando uma leitura – seja do que for – nos faz ficar alegres ou deprimidos, desperta a curiosidade, estimula a fantasia, provoca descobertas, lembranças – aí então deixamos de ler apenas com os sentidos para entrar em outro nível de leitura – o emocional (MARTINS, 2012, p. 48).

A leitura emocional está no campo da subjetividade, implícita ao leitor, devido aos sentimentos que podem desencadear. É uma leitura que desponta para o livre arbítrio de escolha. É assim também com as relações interpessoais: desde o primeiro contato já se estabelece uma noção de leitura das possibilidades viáveis de vínculos seguirem adiante. Martins (2012, p. 52) considera que:

Na leitura emocional emerge a empatia, tendência de sentir o que se sentiria caso estivéssemos na situação e circunstâncias experimentadas por outro, isto é, na pele de outras pessoas, ou mesmo de um animal, de um objeto, de uma personagem de ficção. Caracteriza-se, pois, um processo de participação afetiva numa realidade alheia, fora de nós. Implica necessariamente disponibilidade, ou seja, predisposição para aceitar o que vem do mundo exterior, mesmo se depois venhamos rechaçá-lo.

Na leitura emocional, seja qual for o gênero textual escolhido pelo leitor, as reações (agradáveis ou desagradáveis) que o texto proporciona podem estar relacionadas ao aspecto social ou individual, atreladas aos padrões de comportamento (meio externo) e como se relacionam com o Indivíduo (meio interno). Tais aspectos requerem boa capacidade de interpretação da sua história de vida. Nesse tipo de leitura, o enfoque não é sobre “o aspecto do texto, em que ele consiste,

mas sim o que ele faz, o que provoca em nós” (MARTINS, 2012, p. 53). “Há então oportunidade para elaborar as emoções desencadeadas pela leitura” (MARTINS, 2012, p. 61).

Na compreensão dos significados e das emoções que a leitura possa ocasionar, evolui-se para a leitura racional. Nesse nível, o leitor classifica-se como letrado no campo linguístico e artístico. A leitura intelectualizada, composta por normas, é criada por intelectuais da área artística e por pensadores e restringe a apropriação do saber por uma doutrina ou educação formal. Martins (2012) cita algumas considerações para compreensão da leitura intelectual e a racional:

A construção da capacidade de produzir e compreender as mais diversas linguagens está diretamente ligada a condições propícias para ler, para dar sentido ou atribuir significado a expressões formais e simbólicas, representacionais ou não quer que sejam configuradas pela palavra, quer pelo gesto, pelo som, pela imagem. E essa capacidade relaciona-se em princípio com a aptidão para ler a própria realidade individual e social (MARTINS, 2012, p. 65).

Entretanto, considerar a leitura racional mais complexa é um equívoco, pois ela existe em consonância com os demais tipos de leitura. É possível considerá-la uma leitura crítica na medida em que o aspecto sensorial participa da construção da relação autor-leitor. A interpretação do texto é dada sob apenas um ponto de vista, sem as interpelações com o mundo. É o texto pelo texto. “Mesmo o leitor se propondo uma leitura a certo nível, seja ele qual for, é a dinâmica de sua relação com o texto que vai determinar o nível predominante” (MARTINS, 2012, p. 79).

Para concluir, a interação entre os três níveis de leitura prevalece, porém interdependentes pelas características descritas por Martins (2012, p. 81):

A leitura sensorial tem um tempo de duração e abrange um espaço mais limitado, em face do meio utilizado para realizá-la- os sentidos. Seu alcance é mais circunscrito pelo aqui e agora, tende ao imediato. A leitura emocional é mais mediatizada pelas experiências prévias, pela vivência anterior do leitor, tem um caráter retrospectivo implícito; se inclina, pois, à volta ao passado. Já a leitura racional tende a ser prospectiva, à medida que a reflexão determina um passo à frente no raciocínio, isto é, transforma o conhecimento prévio em um novo conhecimento ou em novas questões, implica mais concretamente possibilidades de desenvolver o discernimento acerca do texto lido.

Para Solé (1998, p. 22), “a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto; neste processo tenta-se se satisfazer os objetivos que guiam a leitura”. São os objetivos e finalidades do leitor que conduzirão a interpretação do texto por ele. Embora o texto seja invariável, há diferentes leitores e diferentes interpretações. É por esse prisma que Solé salienta que:

[...] o significado que um escrito tem para o leitor não é uma tradução ou réplica do significado que o autor quis lhe dar, mas uma construção que envolve o texto, os conhecimentos prévios do leitor que o aborda e seus objetivos (SOLÉ, 1998, p. 22).

Os conhecimentos prévios do leitor e os objetivos da leitura são fundamentais para as previsões, assim como os fatos e elementos que compõem o texto auxiliam o leitor na interpretação. Ao longo da vida, devido às interações, criamos representações e adquirimos conhecimento. O objetivo da leitura está interligado à qualidade das relações construídas, e é isso que desencadeará a compreensão da leitura. Logo, segundo Solé (1998, p. 41), “o controle da compreensão é um requisito essencial para ler eficazmente”.

Cosson (2020), dentre as teorias da leitura, faz referências às ideias de Bakhtin. Segundo o autor, Bakhtin concebe enunciado como sendo:

[...] um elo da corrente da comunicação verbal que se relaciona tanto com os enunciados anteriores quanto posteriores em um movimento dinâmico de interação social, ou seja, quando toma o diálogo como base de toda comunicação verbal (COSSON, 2020, p. 34-35).

Considerando a importância do diálogo, para Cosson (2020, p.36), ler:

[...] consiste em produzir sentidos por meio de um diálogo, um diálogo que travamos com o passado enquanto experiência do outro, experiência que compartilhamos e pela qual nos inserimos em determinada comunidade de leitores. Entendida dessa forma, a leitura é uma competência individual e social, um processo de produção de sentidos que envolve quatro elementos: o leitor, o autor, o texto e o contexto.

Os elementos do processo da leitura estão presentes nas diversas teorias da leitura, porém a posição em que estão distribuídos podem alterar a função deles e conseqüentemente a interpretação do leitor.

Geralmente, quando a leitura inicia-se com o autor; nessa perspectiva, o texto será interpretado pelo leitor de acordo com um contexto. Assim, “ler nessa concepção é buscar o que diz o autor, o qual é simultaneamente ponto de partida e elemento principal do circuito da leitura [...] Ler é ouvir o autor” (COSSON, 2020, p. 37).

Quando o autor não está como elemento principal, é o texto que ganha importância na leitura; é entender o que o texto apresenta, ou seja, a “leitura é, antes de qualquer coisa um processo de decifração do texto, de decodificação daquilo que o texto diz [...] Ler é analisar o texto” (COSSON, 2020, p. 37-38).

Na teoria da leitura, ter o leitor como elemento principal é “essencialmente um processo de interação entre leitor e texto. Ler é construir o sentido do texto” (COSSON, 2020, p. 38).

O contexto vem do significado da leitura para cada leitor: sobre o que ler e para que ler, assim “antes, durante e depois do autor, do leitor e do texto, a leitura parte do contexto e tem no contexto o seu horizonte de definição. Ler é compartilhar os sentidos de uma sociedade” (COSSON, 2020, p. 39).

Ao combinar os quatro elementos num processo contínuo, Cosson (2020) organiza-os como circuito de leitura, denominado teorias de leitura conciliadoras com base nas ideias de Vilson J. Leffa, sendo agrupadas em três abordagens: ascendentes, descendentes e conciliadoras (COSSON, 2020, p. 39).

Na abordagem ascendente, o elemento principal é o texto. A leitura é um processo de decifração, em uma ação acumulativa, ascendente de palavras, frases e parágrafos.

Na abordagem descendente, o autor designa como elemento principal o leitor, que cria hipóteses no sentido do texto. É uma ação liderada pelo leitor. Enquanto a abordagem conciliadora “tem a leitura como uma transação entre autor e leitor mediada pelo texto em um contexto determinado” (COSSON, 2020, p. 39).

Para Cosson (2019, p. 38), a leitura não está restrita apenas às letras impressas. O músico, o médico e o amante têm “a arte de decifrar signos”. A leitura tem a contribuição de outras ciências, como antropologia, sociologia, psicologia e a própria pedagogia. O autor considera o estudo da leitura num contexto social e cognitivo. Para ele:

Aprender a ler é mais que adquirir uma habilidade, e ser leitor vai além de possuir um hábito ou atividade regular. Aprender a ler e ser leitor são práticas sociais que medeiam e transformam as relações humanas (COSSON, 2019, p. 40).

Para Cosson (2019), a compreensão da leitura pode se dar num processo linear, em três etapas: antecipação, decifração, interpretação. A primeira etapa caracteriza-se pelo objetivo da leitura, antes mesmo de iniciá-la. Logo, é preciso

instigar o que o material pode oferecer ao conteúdo (capa, contracapa, título, autor, sumário, entre outros).

Na sequência, temos a etapa da decifração. O foco é a descoberta por meio das letras e palavras. Logo, é importante na escolha das obras literárias considerar a capacidade de compreensão do leitor. Quanto mais familiaridade o leitor tem com as letras e as palavras, mais chances ele terá de compreender o texto.

Por último, a interpretação que envolve o leitor, o autor e o contexto. Para Cosson (2019, p. 41), “a interpretação depende assim, do que escreveu o autor, do que leu o leitor e das convenções que regulam a leitura em uma determinada sociedade. Interpretar é dialogar com o texto, tendo como limite o contexto”.

Diferentemente do que está sendo proposto por Cosson (2019), na escola, ainda nos deparamos com o hábito da leitura em voz alta pelo professor e leitura silenciosa dos alunos, geralmente, o tema do livro é explorado com perguntas e respostas, o que demonstra a lacuna formação dos professores, as diretrizes do livro didático e, ainda, revela que a escola não ensina a compreensão do texto.

Segundo Solé (1998), nesse modelo de aprendizagem a avaliação da compreensão leitora se dá no resultado e não no processo e sua utilização. A interpretação do leitor depende do objetivo da leitura, e esse objetivo desencadeará a motivação à leitura associada ao potencial de desafios que o texto poderá oferecer, ou seja, ao professor cabe saber os conhecimentos prévios do aluno para que possa construir significados. No entanto, a motivação e o interesse pela leitura estão relacionados ao aspecto afetivo que ela desencadeia no leitor, assim, deixa de ser uma ação difícil para ser estimulante e agradável nas novas descobertas e desafios. Ou seja, a leitura é uma ação de duas vias: professor e aluno, autor e leitor. A íntima relação que instituir será o progresso para o significado e interesse.

Aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinados. A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. Assim, criar condições de leitura não implica apenas alfabetizar ou propiciar acesso aos livros. Trata-se, antes, de dialogar com o leitor sobre a sua leitura, isto é, sobre o sentido que ele dá, repito, a algo escrito, um quadro, uma paisagem, a sons, imagens, coisas, ideias, situações reais ou imaginárias (MARTINS, 2012, p. 34).

Na escola, é perceptível o uso da leitura por meio de um planejamento direcionado apenas ao alcance de um determinado propósito. Existem condições de

explorar a leitura além dos muros da escola, ou seja, com intenções de uma formação mais ampla. Segundo Solé (1998, p. 100):

Uma visão ampla da leitura, e um objetivo geral que consista em formar bons leitores não só no contexto escolar, mas para a vida, exige maior diversificação nos seus propósitos, nas atividades que a promovem e nos textos utilizados por meio de incentivá-las.

Na escola, muitas vezes, o exercício da leitura está correlacionado a questionamentos sobre o conteúdo lido, então justifica-se que, com o passar do tempo, o aluno não atribua funcionalidade às informações porque a leitura cumpriu o propósito escolar. Quando aprender as conjecturas como previsão e antecipação, terá condições de criação e, assim, conquistará a autonomia da leitura.

Para Solé (1998), a compreensão leitora, enquanto ação educativa da escola, estabelece a relação do professor como guia para que os alunos construam aprendizagens, estando o processo de ensino e as estratégias de leitura em construção, de modo progressivo. Wood, Bruner e Ross (1976 apud SOLÉ, 1998, p. 76) propõem a metáfora do “andaime” para explicar o processo de ensino e aprendizagem da leitura. O andaime está localizado no nível acima do prédio a ser construído. O professor estará para o aluno no nível acima dos desafios que as crianças consigam resolver. Se a construção foi bem realizada, o andaime pode ser retirado sem prejuízo ao prédio e sem deixar sinais. Na aprendizagem, à medida que ela se consolida, a compreensão é progressiva rumo à autonomia e ao controle da aprendizagem.

Aos professores traça-se o caminho (não linear) de proporcionar aos alunos o resgate da literatura e o interesse na leitura no espaço escolar, mas que usufrua na sociedade como fonte de conhecimento. Vale ressaltar que não há neutralidade na leitura; é uma ação imbuída de intenções. É o diálogo entre autor, leitor e as relações com o mundo que caracterizam as possíveis variáveis de leitura. É na relação com o mundo que a autora descreve a leitura,

[...] que em suas origens era individual e reflexiva (em oposição ao caráter coletivo, volátil e irrecuperável de oralidade de poetas e contadores de histórias), transformou-se em um consumo rápido de texto, em leitura dinâmica (LAJOLO, 2001, p. 105)

Nas mudanças ao longo do tempo dos suportes da escrita, Rojo e Moura (2019) comentam a evolução no contexto histórico e social sobre as diferentes nomenclaturas atribuídas à leitura na alfabetização:

Pode ser definido como a ação de se apropriar do alfabeto, da ortografia da língua que se fala. Isso quer dizer dominar um sistema bastante complexo de representações e de regras de correspondência entre letras (grafemas) e sons da fala (fonemas) numa dada língua, no nosso caso, o português do Brasil (ROJO; MOURA, 2019, p.15).

Para o termo alfabetismo funcional, os autores comentam: “No final da década de 1970, cunha-se o conceito de (an)alfabetismo funcional e passa a ser considerada analfabeta funcional a pessoa que não consegue “funcionar” nas práticas letradas da comunidade, embora seja alfabetizada” (ROJO; MOURA, 2019, p.16).

Sobre o letramento, usado como tradução da palavra inglesa “literacy”, os autores descrevem:

O termo letramento busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles socialmente valorizados ou não, locais (próprios de uma comunidade específica) ou globais, recobrando contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escola etc.), em grupos sociais e comunidades culturalmente diversificadas. Difere, portanto, acentuadamente, tanto do conceito de alfabetização quanto do de alfabetismo(s). Letramentos(s) é um conceito com uma visada socioantropológica; alfabetismo(s) é um conceito de base psicocognitiva; alfabetização designa uma prática cujo conceito é de natureza linguístico-pedagógica (ROJO; MOURA, 2029, p.16, grifo dos autores).

Os letramentos também modificaram, tornando-se multiletramentos ou letramentos hipermediáticos, como veremos a seguir. Os autores descrevem multiletramentos apoiada nos estudos de 1996, do Grupo de Nova Londres (GNL) que se interessavam por linguagem e educação linguística:

Os pesquisadores do GNL ressaltavam que os textos, em parte devido ao impacto das novas mídias digitais, estavam mudando e já não mais eram essencialmente escritos, mas se compunham de uma pluralidade de linguagens, que eles denominaram Multimodalidade. Para eles o mundo estava mudando aceleradamente na globalização: explosão das mídias, diversidade étnica e social das populações em trânsito, multiculturalidade. Isso tinha impacto não somente nos textos, que se tornavam cada vez mais multimodais, mas também na diversidade cultural e linguística das populações, o que implicaria mudanças necessárias na educação para o que chamaram de multiletramentos (ROJO; MOURA, 2019, p.20).

Ainda sobre multiletramentos, Rojo e Moura (2019, p. 20) descrevem como: “Letramentos em múltiplas culturas e em múltiplas linguagens (imagens estáticas e em movimento, música, dança e gesto, linguagem verbal oral e escrita etc.)”

Com o advento das novas tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC), segundo os autores, Knobel e Lankshear (2007 *apud* ROJO; MOURA, 2019, p.25) designaram “novos letramentos”, conforme segue:

Os autores observavam que, por um lado, as tecnologias eram novas: havia mudanças nos códigos-fonte, com novos aplicativos de texto, som, imagem, animação, novas ferramentas de comunicação etc. também a havia uma multiplicação de novos dispositivos digitais: computadores, consoles, mas também laptops, tocadores de mp3 e mp4, tablets, celulares. Havia aumento de bandas de conexão e tudo isso convocava novas habilidades técnicas da parte do usuário como clicar, cortar e colar, arrastar, ampliar, lidar com muitas janelas etc. Mas isso embora determinasse novos comportamentos, não configurava por si só novos letramentos. Esses eram definidos pela emergência a de um novo ethos, uma nova mentalidade 2.0. Por isso novos letramentos são mais participativos, colaborativos, distribuídos; ou seja, menos individualizados, autorais dependem menos de licenças de publicações (ROJO; MOURA, 2019, p.26).

Para fins de conhecimento, em nota de rodapé, os autores escrevem que ethos, segundo a Wikipédia, “na sociologia é uma espécie de síntese dos costumes de um povo. O termo indica, de maneira geral, os traços característicos de um grupo, do ponto de vista social e cultural que o diferencia dos outros” (ROJO; MOURA, 2019, p.26).

As novas tecnologias permitiram novas relações do material escrito, com imagens, fotos, filmes e vídeos, por meio das mídias, em que os textos foram digitalizados, e também favoreceram a proposta de mudanças culturais na sociedade, como Rojo e Moura comentam de Santaella que se refere à cultura das mídias (SANTAELLA, 2003b *apud* ROJO; MOURA, 2019, p.33). Os autores também citam a importância de Lemke sobre o “universo digital da multimídia (combinação, na mesma tela, de textos escritos e imagens estáticas de maneira não remissiva), iriam nos abrir a realidade futura da hipermídia” (p.40) (grifo dos autores).

Ainda é importante notar que não é apenas o uso da hipermídia que as novas tecnologias tornam a mais fácil, mas sua autoria. Hoje, qualquer um edita um áudio ou um vídeo em casa, produz animações de boa qualidade, constrói objetos e ambientes tridimensionais, combina-os com textos e imagens paradas, adiciona música e voz e produz trabalhos muito além do que qualquer editora ou estúdio de cinema poderia fazer alguns anos atrás (LEMKE, 2010 [1998], p. 472 *apud* ROJO; MOURA, 2019, p.42).

Com as mudanças de mídias, temos a cultura de convergência, denominada por Jenkins (2006, p.29 *apud* ROJO; MOURA, 2019, p. 44) de “narrativa transmídia” para designar a relação entre as mídias de entretenimento e consumo. Nesse sentido, para melhor entendimento a autora cita as franquias de filmes para manter o interesse dos leitores por bens de consumos. Assim, temos como exemplos as sagas “Star Trek, Star Wars, Harry Potter, Crepúsculo”, entre outras. (ROJO; MOURA, 2019, p.46).

3.2 O que é mediação?

Quanto às práticas de mediação de leitura, Colomer (2017) cita que são ações que devem ser planejadas, e para isso descreve a importância da escolha dos livros de acordo com os interesses e capacidades de compreensão dos leitores. Para autora, o mediador pode recorrer as críticas literárias, porém na análise da narrativa, deve-se considerar dois elementos: a história e o objeto do relato. Nos livros infantis a linguagem por imagens e o diálogo merecem atenção.

Cosson (2015) ao referir em mediação pedagógica da leitura embasa nas ideias de Vygostsky sobre o desenvolvimento cognitivo do ser humano e a aquisição de linguagem.

Na escola, para o autor, a leitura ilustrada apresenta-se no contexto de leitura deleite ou de fruição e a leitura aplicada envolve o conteúdo da aprendizagem da escrita. Cosson (2015) comenta da “Hora do conto”, que é atrativa as crianças, porém os professores precisam apresentar autonomia da leitura literária decorrente de bom repertório literário, visando aguçar o desejo da leitura aos leitores. Neste contexto, o autor salienta sobre a função do professor: ser mediador ou ensinar a leitura literária?

Para Lerner (2002) na primeira etapa de escolarização, considerando que as crianças não leem; a leitura realizada pelo professor é de suma importância com uso de diferentes estratégias e recursos.

Ainda para a autora, ao término da leitura, a professora pode desencadear conversa com impressões próprias, a fim de obter inferências ou interações com as crianças, além sugerir propostas de leituras, empréstimos de livros, explorar imagens e informações no texto que favoreçam a interação da criança e o gosto pela leitura.

Após comentarmos brevemente sobre a leitura e a mediação, é importante comentarmos sobre os livros digitais propriamente dito.

4 LIVRO DIGITAL: POSSIBILIDADES DE USO

O livro digital já é uma realidade no uso e consumo na sociedade atual. Há a perspectiva de biblioteca híbrida, ou seja, com acervo de livros físico e digital. Contudo, a aquisição de informação, conhecimento e cultura por meio de tecnologia, envolve nova organização e disponibilização de acervo para pesquisa com imagens, som, periódicos com dados científicos e dados especiais.

Dada a inovação no mercado editorial, Serra (2020, p.21-22) apresenta algumas publicações eletrônicas no acervo de algumas instituições:

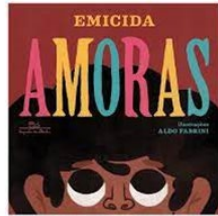
- a) Produção institucional, acadêmica ou corporativa;
- b) Obras de domínio público;
- c) Obras autorizadas pelos autores;
- d) Conteúdo licenciado, adquirido através de fornecedores;
- e) Obras impressas convertidas ao formato digital;
- f) Obras lançadas por meio de sistema de autopublicação.

O uso de livro digital apesar de ser recente seu uso na sala de aula, algumas professoras citaram alguns títulos que foram utilizados com mediação. Vale ressaltar que a maioria das professoras entrevistadas apesar de utilizarem livro digital no ensino remoto, dão preferência ao uso de livro físico. Neste aspecto, podemos considerar que não ter a materialidade do livro, é preciso utilizar novas metodologias.

Outra consideração que as professoras fizeram foi acerca da leitura diária, com livro digital. É fundamental haver parceria com os agentes da escola, como professor de informática e bibliotecário, bem como haver a disponibilidade de recurso tecnológico na escola para a apresentação do material, talvez sendo necessário a reserva de horário e espaço para a ação pedagógica. Sendo assim, as professoras temem não ser possível a leitura diária.

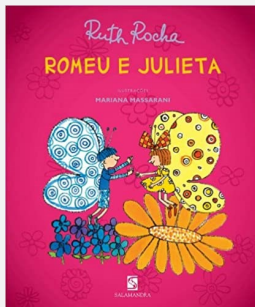
Ora, contudo, com o estudo realizado, verifica-se que o livro digital não surge para substituir o livro físico, mas para apresentar novas possibilidades de leitura, com maior facilidade de circulação e disponibilidade para empréstimos, além de propor novas condições de trabalho em sala de aula. Neste aspecto, as professoras entrevistadas afirmam ser possível o uso do livro digital nas aulas no retorno as aulas presenciais. Eis um caminho a trilhar, com novas perspectivas de trabalho e possibilidades de uso do livro digital.

Os títulos a seguir, não há edição em *e-book*, então as professoras salvaram em PDF após scanear as páginas, ou usaram as imagens como apresentação em Power Point nas aulas síncronas.



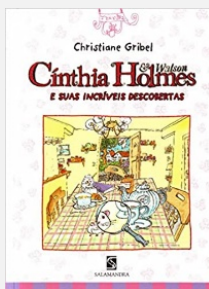
Autor: Emicida
Ano: 2018
Editora: Companhia das
letrinhas

O autor a partir de um rap, escreve o livro sobre representatividade, de reconhecermos no mundo desde criança.



Autora: Ruth Rocha
Ano: 2009
Editora: Salamandra


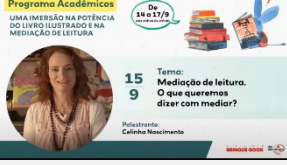

História de borboletinhas, envolvendo aventura, amor e amizade.



Autora: Cristiane Gribel
Ano: 2015
Editora: Salamandra

Cíntia Holmes é uma menina muito esperta e precoce para os seus sete anos. Usando sua inteligência e imaginação, deduz que, com esse sobrenome, só pode ser descendente do famoso detetive inglês Sherlock Holmes. Com o hamster de estimação, a quem dá o elementar nome de Watson, ela vai em busca de pistas e informações para desvendar mistérios, sempre com muito humor e um faro de detetive apurado.

Abaixo algumas indicações de vídeos que poderão auxiliar compreender a mediação de leitura.

	https://blog.brinquebook.com.br/sala-de-leitura/literatura-mediacao-potencia-sala/
	https://blog.brinquebook.com.br/sala-de-leitura/literatura-mediacao-potencia-sala/
<p>A formação leitora dos professores</p>	https://blog.brinquebook.com.br/sala-de-leitura/literatura-mediacao-potencia-sala/
	https://blog.brinquebook.com.br/sala-de-leitura/literatura-mediacao-potencia-sala/

Fonte: própria autora, 2021

Apresentamos também outra fonte para pesquisa que poderá explanar outras maneiras de trabalhar com leitura:

Autora	Suzane Cardoso da Silva Oliveira
Título	É hora da história: oficinas de leitura no desenvolvimento das competências leitoras das crianças do primeiro ano do ensino fundamental
Disponível	http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/8202 . Consulta em 07.06.2021
Instituição	Universidade Federal de Goiás
Palavras-chave	Leitura Literária – Formação de leitor – Mediação Pedagógica – estratégias de leitura
Objetivo de Pesquisa	Compreender como as crianças do primeiro ano constroem sua compreensão leitora, a partir da participação em oficinas de leitura de textos literários, planejadas com o intuito de ampliar as capacidades leitoras nessa etapa de escolarização.
Documento	Dissertação
Área de Concentração	Ciências Humanas - Educação
Ano de publicação	2018

Fonte: própria autora, 2021.

5 CATÁLOGO DE LIVRO DIGITAL PARA AÇÃO EDUCATIVA COM PROFESSORES

Após a análise dos dados obtidos dos questionários e as entrevistas, bem como a explanação sobre a leitura e mediação pedagógica, apresentamos uma sugestão de catálogo de livros digitais. São obras divulgadas com direitos autorais permitidos para uso.

5.1 Catálogo

TIPO	TÍTULO	AUTOR	EDITOR	PREMIAÇÃO	TEMA	LINK
LIVRO DIGITAL	A Descoberta do Adriel	Mel Duarte	ITAÚ		Literatura Infantil, Leitura	https://www.euleioparaeducacao.com.br/estante-digital/a-descoberta-do-adriel/
LIVRO DIGITAL	O Apanhador de acalantos	Beatriz Pereira Rodrigues	ITAÚ	Olímpiada da Língua Portuguesa 2019	Crônica	https://www.euleioparaeducacao.com.br/estante-digital/o-apanhador-de-acalantos/
LIVRO DIGITAL	Da janela de Minas	Nicole Rodrigues Florentino	ITAÚ	Olímpiada da Língua Portuguesa - 2019	Poema	https://www.euleioparaeducacao.com.br/estante-digital/da-janela-de-minas/
LIVRO DIGITAL	Super protetores	Jessé Andarilho	ITAÚ		Literatura Infantil, Profissionais da Saúde, Covid	https://www.euleioparaeducacao.com.br/estante-digital/super-protetores/
LIVRO DIGITAL	A flor que chegou primeiro	Mayara de Aleluia Pereira	ITAÚ	Olímpiada da Língua Portuguesa - 2016	Crônica	https://www.euleioparaeducacao.com.br/estante-digital/a-flor-que-chegou/
LIVRO DIGITAL	Sovaco de cobra	Angelo Raphael Albuquerque Ferreira	ITAÚ	Olímpiada da Língua Portuguesa - 2016	Poema	https://www.euleioparaeducacao.com.br/estante-digital/sovaco-da-cobra/
LIVRO DIGITAL	Malala a menina que queria ir para a escola	Adriana Carranca	ITAÚ		Literatura Infantil, Direito da criança	https://www.euleioparaeducacao.com.br/estante-digital/malala-a-menina-que-queria-ir-para-a-escola/

LIVRO DIGITAL	Meu amigo robô	Giselda Laporta Nicolelis	ITAÚ		Literatura infantojuvenil, Amizade, Sonhos	https://www.euleioparaumacrianca.com.br/estante-digital/meu-amigo-robô/
LIVRO DIGITAL	As bonecas da Vó Maria	Mel Duarte	ITAÚ		Literatura infantojuvenil, Empreendedorismo	https://www.euleioparaumacrianca.com.br/estante-digital/as-bonecas-da-vo-maria/
LIVRO DIGITAL	A menina das estrelas	Tulipa Ruiz	ITAÚ		Literatura infantojuvenil, Sonhos	https://www.euleioparaumacrianca.com.br/estante-digital/a-menina-das-estrelas/
LIVRO DIGITAL	Pode ser	Adriana Falcão	ITAÚ		Literatura infantojuvenil, Futebol	https://www.euleioparaumacrianca.com.br/estante-digital/pode-ser/
LIVRO DIGITAL	Chapeuzinho Vermelho	Irmãos Grimm	ITAÚ		Literatura infantil, Clássicos	https://www.euleioparaumacrianca.com.br/estante-digital/chapeuzinho-vermelho/
LIVRO DIGITAL	A bicicleta voadora	Antonio Prata	ITAÚ		Literatura infantil, Amizade, Sonhos	https://www.euleioparaumacrianca.com.br/estante-digital/a-bicicleta-voadora/
LIVRO DIGITAL	O cabelo da menina	Fernanda Takai	ITAÚ		Literatura infantil	https://www.euleioparaumacrianca.com.br/estante-digital/o-cabelo-da-menina/
LIVRO DIGITAL	O sétimo gato	Luis Fernando Veríssimo	ITAÚ		Literatura infantil, Globalização	https://www.euleioparaumacrianca.com.br/estante-digital/o-setimo-gato/
LIVRO DIGITAL	O menino e o foguete	Marcelo Rubens Paiva	ITAÚ		Literatura infantil, Imaginação	https://www.euleioparaumacrianca.com.br/estante-digital/o-menino-e-o-foguete/
LIVRO DIGITAL	O menino do futuro, sabido, comportado. Quem afinal, é educado?	Sandra Aymone	Deloitte		Literatura infantojuvenil, Aventura, Amizade, Comportamento	https://online.pubhtml5.com/bczq/ello/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	Professor Bóris em educação no trânsito	Luciana de Almeida e Cássia Isabel Costa Mendes	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantil, Educação	https://online.pubhtml5.com/bczq/ewlu/index.html#p=1

LIVRO DIGITAL	Diogo e Olívia	Patricia Engel Secco	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantil, Atividades, Amizade	https://online.pubhtml5.com/bczq/bkmt/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	Diogo e Olívia	Patricia Engel Secco	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantil, Amizade	https://online.pubhtml5.com/bczq/ssow/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	Um passeio monumental	Sandra Aymone	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantojuvenil, Educação	https://online.pubhtml5.com/bczq/wbqi/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	Um carrinho amigo do meio ambiental	Sandra Aymone	Deloitte		Literatura infantil, Educação	https://online.pubhtml5.com/bczq/xgwg/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	O que há de bom	Sandra Aymone	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantojuvenil, Educação, Minas Gerais	https://online.pubhtml5.com/bczq/pbpi/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	Professor Bóris mãos a obra	Luciana de Almeida	Deloitte		Literatura infantojuvenil, Educação, Convivência	https://online.pubhtml5.com/bczq/bjoy/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	Professor Bóris em Democracia	Luciana de Almeida	Deloitte		Literatura infantojuvenil, Educação, Convivência	https://online.pubhtml5.com/bczq/haep/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	Professor Bóris em o clubinho da hora	Luciana de Almeida	Deloitte		Literatura infantojuvenil, Educação, Meio ambiente	https://online.pubhtml5.com/bczq/pdlw/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	Menino do futuro - O cinto de proteção	Sandra Aymone	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantil, Educação	https://online.pubhtml5.com/bczq/fikm/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	O fantasma dos vagalumes	Sandra Aymone	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantojuvenil	https://online.pubhtml5.com/bczq/slyv/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	Muito mais que um jardim -	Sandra Aymone	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantojuvenil, Educação, Rio de Janeiro	https://online.pubhtml5.com/bczq/fvjy/index.html#p=1

LIVRO DIGITAL	A Mata Atlântica	Patricia Secco	Deloite		Literatura infantojuvenil, Educação, Meio ambiente	https://online.pubhtm5.com/bczq/xhzy/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	Juca brasileiro - A agua e a vida	Patricia Engel Secco	Deloite		Literatura infantojuvenil, Educação, Meio ambiente	https://online.pubhtm5.com/bczq/unbi/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	As Olimpíadas de Beto	Sandra Aymone	Deloite		Literatura infantil, Educação, Esporte	https://online.pubhtm5.com/bczq/fgck/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	Beto Brasil em a partida dos vencedores	Sandra Aymone	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantil, Educação, Esporte	https://online.pubhtm5.com/bczq/imdh/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	A praça é de graça	Sandra Aymone	Deloite		Literatura infantojuvenil, Educação, Convivência	https://online.pubhtm5.com/bczq/puri/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	O gato que fugiu do museu	Sandra Aymone	Deloite		Literatura infantil, Educação	https://online.pubhtm5.com/bczq/ilbk/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	Tati no mundo do espelho	Sandra Aymone	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantojuvenil	https://online.pubhtm5.com/bczq/naif/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	O duelo das fadas	Patricia Engel Secco	Deloite		Literatura infantojuvenil	https://online.pubhtm5.com/bczq/mnks/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	Juca Brasileiro e o Hino Nacional	Patricia Engel Secco	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantil, Educação	https://online.pubhtm5.com/bczq/hhkl/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	O sapo e o jardim florido	Luís Noberto Pascoal	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantojuvenil	https://online.pubhtm5.com/bczq/kiqk/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	Diário de um garoto elástico	Heloisa Pietro	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantojuvenil	https://online.pubhtm5.com/bczq/jrj/index.html#p=1

LIVRO DIGITAL	Valentina e o não	Isabela Paschoal Becker	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantojuvenil brasileira	https://online.pubhtm5.com/bczq/hobv/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	Ora, ora desencana! Quem quer bolo de banana?	Ana Terra	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantojuvenil	https://online.pubhtm5.com/bczq/gqqw/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	O garoto invisível	Felipe Barrenco	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantojuvenil	https://online.pubhtm5.com/bczq/qstb/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	Musicaligando	Roberta Asse	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantojuvenil	https://online.pubhtm5.com/bczq/bobn/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	Lobinho e a porta	Silvana Rando	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantojuvenil	https://online.pubhtm5.com/bczq/sbcm/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	Corre!	Candido Andrio	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura juvenil	https://online.pubhtm5.com/bczq/okvr/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	Era mais de uma vez	Ricardo Silvestrin	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantojuvenil, Poesia	https://online.pubhtm5.com/bczq/twxq/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	Diário de uma saudade	Ingrid Esslinger	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantojuvenil, luto, morte	https://online.pubhtm5.com/bczq/fpph/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	Chispa gambá!	Januária Cristina Alves	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantojuvenil	https://online.pubhtm5.com/bczq/jddg/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	Cafuné	Marco Hailer	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantojuvenil, Comportamento, saúde, poesia	https://online.pubhtm5.com/bczq/fspy/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	A aventura das aranhas e outras fábulas	Sandra Aymone	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantojuvenil, Fábulas	https://online.pubhtm5.com/bczq/ofnn/index.html#p=1

LIVRO DIGITAL	O pássaro e os medos	Luís Noberto Pascoal e Isabela Paschoal Becker	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantil	https://online.pubhtm5.com/bczq/yhch/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	A semente da verdade	Patricia Engel Secco	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantojuvenil, Folclore oriental	https://online.pubhtm5.com/bczq/lfyi/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	O livro que lia livros	Sandra Aymone	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantojuvenil	https://online.pubhtm5.com/bczq/utpe/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	Um menino genial	Keyla Ferrari	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantojuvenil	https://online.pubhtm5.com/bczq/hcay/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	Tirrim e Cocoricó	Sandra Aymone	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantil	https://online.pubhtm5.com/bczq/uuzyl/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	Riqueza - conto popular recriado em prosa e verso	Sandra Aymone	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantojuvenil	https://online.pubhtm5.com/bczq/tqva/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	Um caminhão nas estrelas	Sandra Aymone	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantil, educação, meio ambiente	https://online.pubhtm5.com/bczq/pcan/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	Mateus e o Muiraquita - histórias da Amazônia	Sandra Aymone	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantil, educação, meio ambiente	https://online.pubhtm5.com/bczq/jvif/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	O dinheiro que caiu do céu	Silmara rascalha Casadei e Eduardo Jurcevic	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantil	https://online.pubhtm5.com/bczq/ssru/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	O desejo de ensinar e a arte de aprender	Rubem Alves	Fundação Educar Dpaschoal		Crônica	https://online.pubhtm5.com/bczq/pkqb/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	Mistério na Biblioteca	Sandra Aymone	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantil	https://online.pubhtm5.com/bczq/ihis/index.html#p=1

LIVRO DIGITAL	Lição de voo	Sandra Aymone	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantil, educação, meio ambiente	https://online.pubhtml5.com/bczq/koyo/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	Juliana pra lá de bacana	Cláudia Cotes	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantil	https://online.pubhtml5.com/bczq/tkcr/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	João, preste atenção	Patricia Secco	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantil, dislexia	https://online.pubhtml5.com/bczq/ipaw/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	João da água - lenda budista	Patricia Secco	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantil, lenda	https://online.pubhtml5.com/bczq/dowj/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	Euzinha	Katia Rocha	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantil	https://online.pubhtml5.com/bczq/bygg/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	Diz a Lenda	Sandra Aymone	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantojuvenil	https://online.pubhtml5.com/bczq/byli/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	Chapeuzinho de Palha e o primeiro livro	Sandra Aymone	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantil	https://online.pubhtml5.com/bczq/ywow/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	Cadê meu doce?	Cláudia Cotes	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantil, saúde, diabetes	https://online.pubhtml5.com/bczq/ldko/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	As três perguntas do rei	Sandra Aymone	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantil, conto popular	https://online.pubhtml5.com/bczq/bnlb/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	As estradas de couro	Sandra Aymone	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantil, conto popular	https://online.pubhtml5.com/bczq/cjir/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	Amigos livros	Patricia Engel Secco	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantojuvenil	https://online.pubhtml5.com/bczq/wila/index.html#p=1

LIVRO DIGITAL	Adivinhe o que é Folclore	Sandra Aymone	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura, folclore	https://online.pubhtm5.com/bczq/jdzh/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	A traça e a escritora	Sandra Aymone	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantil	https://online.pubhtm5.com/bczq/jvcb/index.html#p=10
LIVRO DIGITAL	A história que mora nas coisas	Sandra Aymone	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantil	https://online.pubhtm5.com/bczq/wbxa/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	A formiga e a mosca	Sandra Aymone	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantil	https://online.pubhtm5.com/bczq/fjz/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	A felicidade das borboletas	Patricia Engel Secco	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantil	https://online.pubhtm5.com/bczq/cyww/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	A cubuca de ouro	Sandra Aymone	Fundação Educar Dpaschoal		Literatura infantojuvenil, Folclore europeu	https://online.pubhtm5.com/bczq/axtp/index.html#p=1
LIVRO DIGITAL	A bruxa e o caldeirão	José Leon Machado	Projecto Vercial		Literatura infantil	http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/pv00001a.pdf
LIVRO DIGITAL	A borboleta azul	Lenira Almeida Heck	UNIVATES		Literatura infantojuvenil	http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/eu000004.pdf
LIVRO DIGITAL	Histórias que acabam aqui	Teresa Lopes	Edições Arcos Online		Literatura infantil	http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ea000115.pdf
LIVRO DIGITAL	No reino das letras felizes	Lenira Almeida Heck	UNIVATES		Literatura infantil	http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/eu000005a.pdf
LIVRO DIGITAL	O galo Tião e a Dinda raposa	Lenira Almeida Heck	UNIVATES		Literatura infantojuvenil	http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/eu000001a.pdf

LIVRO DIGITAL	O galo Tião e a vaca malhada	Lenira Almeida Heck	UNIVAT ES		Literatura infantojuvenil	http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/eu00003a.pdf
LIVRO DIGITAL	O leão Praxedes	Tarcisio Lage	Nova Edição do autor		Literatura infantil	http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ea000464.pdf
LIVRO DIGITAL	O mistério do anel de pérolas	Lenira Almeida Heck	UNIVAT ES		Literatura infantil	http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/eu000006.pdf
LIVRO DIGITAL	O pacto maldito e outras histórias de morte	José Cláudio da Silva	Casa do Novo Autor		Literatura infantojuvenil	http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ea000418.pdf
LIVRO DIGITAL	O peixinho e o gato	Lenira Almeida Heck	UNIVAT ES		Literatura infantojuvenil	http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/eu00002b.pdf.pdf
LIVRO DIGITAL	O ratinho RóiRói	Lenira Almeida Heck	UNIVAT ES		Literatura infantojuvenil	http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/eu00007a.pdf
LIVRO DIGITAL	Pai, posso dar um soco nele?	José Cláudio da Silva	Edição do Autor		Literatura infantojuvenil, literatura juvenil	http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ea000419.pdf
LIVRO DIGITAL	O livro dos sorrisos	Antonio Silva de Araújo	SEDUC		Literatura infantojuvenil	https://5ca0e999-de9a-47e0-9b77-7e3eeab0592c.usrfi les.com/ugd/5ca0e9_e12bee37a900421d97c2c6afcae7aed4.pdf

Sobre a escolha de títulos, de preferência recorrer aos clássicos, títulos novos ou boas produções, conforme Colomer (2017). Ainda para a autora, a narrativa literária deveria ser analisada na perspectiva de que seu propósito de informação fosse coerente com a compreensão do leitor. Analisar o início e o final da história pois, é no desenlace que o leitor constrói o sentido do que foi lido, podendo provocar a reação emotiva do leitor. Nesse sentido, dentre os títulos acima mencionados, e seguindo as orientações da autora, destaca-se:



Escrito por **Irmãos Grimm**
 Ilustrado por **Bruna Assis Brasil**
 Traduzido por **Mariana Beer**

Esse é um dos títulos da coleção do ITAÚ – Leia para uma criança.

Chapeuzinho Vermelho, um clássico da literatura infantil, em uma adaptação moderna e divertida. Chapeuzinho Vermelho é uma menina esperta e brincalhona que adora sua vovó

Contudo, os livros catalogados acima não condizem com a diversidade de títulos de livros físicos ou que não tem direitos autorais permitidos para ampla divulgação, deste modo, propomos a parceria das bibliotecas e das editoras para disponibilizar novos títulos na busca de atualização do acervo (digital).

5.2 Formação de professores

Com o advento dos livros digitais na prática de sala de aula, altera também a metodologia, assim propomos formação de mediação com uso de livros digitais aos professores, como maneira de atualização da mediação de leitura pedagógica de leitura.

Para Lerner (2002):

Quando as crianças defrontam diretamente com os textos, o ensino adquire outras características, exigem-se outras intervenções do docente. Essas intervenções estão direcionadas para se conseguir que as crianças possam ler por si mesmas, que progridam no uso de estratégias efetivas, em suas possibilidades de compreender melhor aquilo que leem. (p.97)

A seguir, uma proposta de encontro de formação. É apenas uma sugestão. Apostamos na ideia de que precisamos investir em espaços de formação que promovam o incentivo da leitura de livros literários.

<p>1º encontro</p>	<p>Objetivo: Sensibilizar os professores sobre a importância da leitura e da mediação.</p> <p>Metodologia:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Apresentação de vídeo sobre a mediação (link neste trabalho acima- sugestão) ✓ Roda de conversa sobre o vídeo ✓ Proposições e sugestões dos professores
<p>2º encontro</p>	<p>Objetivo: Analisar a utilização do livro digital na prática de sala de aula</p> <p>Metodologia:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Professores divididos em pequenos grupos, com o uso do livro digital (sugerido no catálogo). Um professor realiza a leitura e faz mediação. ✓ Os professores do grupo comentam sobre a leitura e mediação entre si. ✓ Abre-se espaço para troca de informações e experiências entre grupos ✓ Discussões sobre possibilidades de uso na prática de sala de aula.
<p>3º encontro</p>	<p>Objetivo: Verificar as condições para viabilizar essa prática educativa e avaliar os encontros realizados.</p> <p>Metodologia:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Grupo gestor em diálogo com os professores, sobre a organização de espaço, sugestão para trabalho eficaz e levantamento de conteúdo aprendido nos encontros.

Fonte: própria autora, 2021

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização de livros digitais na prática de sala de aula é recente e requer adaptação a todos envolvidos na educação, seja o grupo, gestor, professores, alunos e agentes da biblioteca, deste modo os escritos aqui abordados sobre leitura e mediação, bem como os dados analisados da pesquisa do Trabalho final do curso de mestrado em educação, colaboram para a justificativa e importância do produto aqui sugerido:

- ✓ Catálogo de livro digital
- ✓ Formação de professores

Certo de que as discussões sobre o tema de leitura – mediação – livro digital possam prosseguir sobre outras vertentes, desejo de que este material possa contribuir para demais professores sobre a compreensão da inovação da mediação de leitura com o livro digital e suas possibilidades de uso na prática de sala de aula (presencial).

REFERÊNCIAS

- BETTOLLI, C. Infância, Literatura e leitura: alguns marcos essa trama na Argentina. *In: Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Nos caminhos da literatura.* São Paulo: Peirópolis, 2008.
- CHARTIER, R. **A aventura do livro do leitor ao navegador.** Tradução: Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora Unesp, 1999. (Prismas).
- CHARTIER, R. **A história ou a leitura do tempo.** Tradução: Cristina Antunes. 2. ed. 4. reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. (Coleção Ensaio Geral).
- COLOMER, T. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual.** Tradução: Laura Sandroni. 1. ed. São Paulo: Global, 2017.
- COSSON, R. A prática da leitura literária na escola: mediação ou ensino? **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente-SP, v. 26, n. 3, p. 161-173, set./dez. 2015.
- COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática.** 2. ed. 9. reimpr. São Paulo: Contexto, 2019.
- COSSON, R. **Círculos de leitura e letramento literário.** 1. ed. 4. reimpr. São Paulo: Contexto, 2020.
- LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** São Paulo: editora Ática, 2001.
- LAJOLO, M.; ZILBERMAN R. **A formação da leitura no Brasil.** ed. rev. São Paulo: 2019.
- LERNER, D. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário.** Tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- MARTINS, M. H. **O que é leitura.** São Paulo: Brasiliense, 2012. (Coleção primeiros passos; 74).
- OLIVEIRA, S.C.S. **É hora da história: oficinas de leitura no desenvolvimento das competências leitoras das crianças do primeiro ano do ensino fundamental.** 154 f. 2018. Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2018.
- ROJO, R.; MOURA E. **Letramentos, mídias, linguagens.** 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.
- SANTAELLA, L. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo.** São Paulo: Paulus, 2004.
- SOLÉ, I. **Estratégias de leitura.** 6. ed. Porto alegre: Penso, 1998.
- ZILBERMAN, R.; RÖSSING, T. M. K. **Escola e leitura: velha crise/ novas alternativas.** São Paulo: Global, 2009. (Coleção leitura e formação).